

---

# IMIGRAÇÃO SENEGALESA PARA O BRASIL E PARA A FRANÇA: RACA, REPRESENTAÇÃO E DISCURSOS MIDIÁTICOS<sup>1</sup>

---

SENEGALESE IMMIGRATION TO BRAZIL AND FRANCE: RACE, REPRESENTATION AND MEDIA DISCOURSES

---

DOI: [10.5380/cg.v10i1.77789](https://doi.org/10.5380/cg.v10i1.77789)

Letícia Núñez Almeida<sup>2</sup>

Thais Dutra Fernández<sup>3</sup>

José Oviedo Pérez<sup>4</sup>

## Resumo

O presente artigo analisa como os meios de comunicação abordam a imigração da população senegalesa em direção ao Brasil e à França. Propõe-se estudar o discurso adotado pela mídia local, sobretudo a impressa, no processo de caracterizar e apresentar a imigração contemporânea nessas duas sociedades de acolhida. Tem-se como hipótese de investigação que os meios de comunicação brasileiros e franceses rotulam a imigração senegalesa através de discurso discriminatório, baseado em preconceitos raciais, religiosos e/ou sexuais. Para tanto, utilizou-se como método a análise de discurso em aproximadamente 100 reportagens de jornais brasileiros e franceses entre 2010-2018, para assim examinar como os discursos midiáticos se aproximam e/ou se distanciam. Conclui-se que a imigração continua sendo um processo contestado nesses dois países, sujeito ao efeito de legados históricos como a escravidão e o colonialismo.

Palavras-chave: imigração senegalesa; discursos midiáticos; Brasil; França.

## Abstract

This article analyzes how different media sources characterize the immigration of Senegalese individuals towards Brazil and France. It aims to study the discourse adopted by local media, specifically print media, in the process of denoting and presenting contemporary immigration within these two different societies. The hypothesis of this investigation is that the Brazilian and French media label Senegalese immigration through a discriminatory discourse, based on racial, religious and/or sexual prejudices. Towards that end, a discourse analysis research method was employed on approximately 100 individual news pieces from Brazilian and French newspapers between 2010-2020, to examine how these media discourses are similar/different from each other. This article concludes that immigration remains a contested process in these two countries, subject to the effect of historical legacies such as slavery and colonialism.

Keywords: Senegalese immigration; Media discourses; Brazil; France.

---

<sup>1</sup>Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), sendo permitido o compartilhamento com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

<sup>2</sup>Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo/USP, com pós-doutorado no PPGEEI/UFRGS, docente e pesquisadora da Universidad de la República del Uruguay, UDELAR. E-mail: [leticia.nunez@cur.edu.uy](mailto:leticia.nunez@cur.edu.uy). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2486-5511>.

<sup>3</sup>Mestra em Human Rights and Humanitarian Action no Institut d'études politiques de Paris - SciencesPo (2020), com especialização em Migração e em Direitos Humanos e mestra em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019). E-mail: [thaisdutranc@gmail.com](mailto:thaisdutranc@gmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2836-2287>.

<sup>4</sup>Doutorando em Ciência Política na Ohio State University e Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019). E-mail: [jose.oviedo.perez@gmail.com](mailto:jose.oviedo.perez@gmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9302-4591>.

## 1. INTRODUÇÃO

O Senegal, país localizado na costa ocidental do continente africano, alcançou sua independência da França em 1960, depois de mais de um centenário sob domínio colonial (CAMARA; CLARK; HARGREAVES, 2018). Até a década de 1970, o fluxo migratório de entrada no país era superior ao de saída, atraindo principalmente trabalhadores sazonais de países vizinhos para desenvolver a terra (OIM, 2009). Com o endurecimento das condições de vida no país, essa tendência foi progressivamente se alterando, de modo que na década de 1980 o Senegal já havia se tornado um país de emigração. Esse primeiro deslocamento de senegaleses tinha como destino os demais países do continente africano, em especial o Congo, a Costa do Marfim e o Gabão (OIM, 2009). Dada a acentuada instabilidade política e econômica nesses países, os senegaleses passaram a buscar novos destinos, especialmente a França, e nos últimos anos outros países, como o Brasil.

Na década de 1970, a migração senegalesa era essencialmente realizada por homens jovens que se deslocavam sozinhos. A década de 1980 destacou-se pela diversificação dos destinos migratórios e pela ampliação dos fluxos: as mulheres passaram a emigrar individualmente. Estima-se que, entre 1997 e 2002, a migração de mulheres senegalesas passou a representar 18,2% do total (SAKHO; DIOP; AWISSI-SALL, 2011, p. 2). No entanto, mesmo com o aumento da participação feminina, elas continuam sub-representadas (OIM, 2009). Apesar de no imaginário dos países receptores os migrantes senegaleses possuírem “baixa” qualificação, 19,2% daqueles que migram para os Estados-Membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) possuem ensino superior completo (OIM, 2009). A migração de senegaleses para o Brasil começou a se intensificar em 2010, quando a entrada e a permanência na Europa passaram a ser dificultadas, e o crescimento econômico brasileiro passou a ser atrativo (OIM, 2009).

Nesse contexto de transformações imigratórias, este artigo objetiva estudar os discursos midiáticos sobre a migração senegalesa na França — país de destino tradicional — e no Brasil — país que passou na última década a receber novos fluxos migratórios de pessoas oriundas de países africanos. Argumenta-se que os jornais franceses e brasileiros tentam enquadrar a imigração senegalesa dentro de discursos racistas e discriminatórios, não provendo lugar de fala ou espaço a esses imigrantes para se auto-representarem dentro dessas sociedades. Explica Gomes (2002) que a perspectiva racista prima pela exclusão e trata as diferenças como deficiências, transformando ditas diferenças em identidades construídas no decorrer da história, que naturalizam relações de opressão política e social. Assim, nega-se a individualidade dos sujeitos negros, imigrantes etc. e criam-se categorias homogêneas e universais pelo uso de estereótipos e estigmas.

De forma a compreender como se caracteriza o discurso midiático sobre esse fluxo migratório, escolheu-se a década de 2010 para a coleta de dados de hemeroteca, com foco nas versões eletrônicas de alguns dos jornais de maior circulação no Brasil e na França, buscando-se

identificar a “menção” à migração senegalesa e o ângulo de abordagem adotado. Especificamente, visamos analisar nas reportagens: i) o vocabulário utilizado em referência aos imigrantes na manchete e no corpo do texto, ii) as imagens que acompanham o texto, iii) se os imigrantes foram citados diretamente ou não, iv) o tema da reportagem, v) se o tom foi positivo ou negativo. A mídia é entendida nesse trabalho como tendo papel central na construção de identidades sociais e fazendo parte do campo onde são travadas as lutas políticas.

No Brasil, a pesquisa foi realizada nas notícias apresentadas no jornal Zero Hora e na revista Carta Capital, fontes escolhidas por desenvolverem o maior e mais abrangente conteúdo brasileiro sobre a migração senegalesa na última década. A cobertura extensiva do Zero Hora sobre o assunto se explica pelo próprio fluxo migratório, que teve o Estado do Rio Grande do Sul, onde o jornal é sediado, como a região do Brasil que mais recebeu imigrantes senegaleses. Outros jornais brasileiros, como O Globo e a Folha de São Paulo, fizeram menor cobertura sobre o tema, focando-se em outros grupos, como os venezuelanos, durante o período estudado. Para a França, foram escolhidos os jornais de *Le Figaro*, *Le Monde* e *Le Parisien*, por serem os de maior circulação em território francês e promoverem uma cobertura extensa sobre a imigração de nacionais de antigas colônias francesas.

## 2. O DISCURSO, A MÍDIA E A IMIGRAÇÃO SENEGALESA

Este artigo investiga o discurso que tanto a mídia brasileira quanto a francesa produzem, criam e/ou amplificam sobre a imigração senegalesa. Os discursos agem como força socialmente constituinte que produz o material, os símbolos, e os sujeitos que juntos ordenam a vida social e respondem à pergunta “como é que uma declaração particular apareceu em vez de outra?” (FOUCAULT, 1972, p.27, tradução dos autores). Ademais, o discurso baseia-se no “já-falado,” ou seja, nos sistemas sociais como a raça, gênero, etc. que informam a interpretação de eventos atuais e criam relações de poder entre os indivíduos (FOUCAULT, 1972, p. 22-25). Segundo Campbell (2001), “...enquanto isso significa que nada existe fora do discurso, ele [o discurso] ainda reconhece distinções importantes entre fenômenos linguísticos e não linguísticos” (2001, p.444, tradução dos autores). Esta é a mesma abordagem crítica que será empregada nesta pesquisa que ressalta o efeito do escrito e linguístico sobre o material e físico na criação de hierarquias sociopolíticas.

Defende Doty (1997), sobre o dilema “agente-estrutura”, que em vez de ver os agentes e a estrutura como duas entidades separadas, fixas e justapostas uma contra a outra, eles devem ser considerados como discursos variados e instáveis com um certo nível de plasticidade (DOTY, 1997). A mesma chave de leitura é proposta neste trabalho: “França”, “Brasil”, “Senegal”, e assim por diante, não são tidos como estruturas ou objetos fixos e dados, mas percebidos como discursos

cuja definição e identidade estão em constante processo de designação. A percepção do dilema agente-estrutura também implica pesar e contrapesar os afetos inerentes aos discursos políticos na caracterização dos binários como mídia/sociedade, comunidade de acolhida/comunidade imigrante, grupo/indivíduo etc. Com consciência dessas nuances, não se tomou nenhuma das categorias citadas como estáticas e dadas; tratou-se as variáveis de análise como fatores em si mesmos a serem problematizados. No sentido proposto por Wight (2006), a ação social nunca ocorre fora de um ambiente social, mas configurações sociais ou estruturas sociais não agem por si mesmas, já que as sociedades são um conjunto de práticas e convenções a serem reproduzidas ou transformadas pelos indivíduos.

A imigração, os imigrantes e o discurso midiático sobre esses dois tópicos são categorias de análise que necessitam de investigação aprofundada e de nuances conceituais (BAENINGER; et al., 2018; TICKNER; BLANEY, 2012; GRIMSON, 2011). Os meios de comunicação produzem narrativas fundamentais para compreender os discursos e as práticas em relação ao fenômeno da migração nas dinâmicas sociais. Como explica Medvetz (2012), as mídias fazem parte dos múltiplos atores dentro de um campo social maior onde os discursos são tecidos e compostos. Tendo em vista a sua relevância na produção de opiniões e conhecimento, elegeu-se como foco a cobertura da mídia impressa, a fim de compreender suas possíveis ramificações em processos e discussões políticas. Da mesma forma, buscou-se investigar como se dá a participação dos próprios imigrantes senegaleses nesses espaços, e o que ela revela sobre um processo mais profundo de *othering*<sup>5</sup> ou, ao contrário, de criação de um lugar para o subalterno falar (KABESH, 2013; ALEXANDER; MOHANTY, 1997; SPIVAK, 1988).

Em relação à imigração senegalesa, a maior parte deles não tem *animus* de fixação de residência em país estrangeiro. Cinco são as principais razões para explicar os motivos pelos quais os senegaleses deixam seu país: i) econômicas: baixos salários e custo de vida crescente, em que inexistente um sistema de proteção social; ii) falta de perspectiva: altas taxas de desemprego afetam igualmente as pessoas qualificadas; iii) tradição: a existência de um filho no exterior fornece segurança social e amplia a rede de auxílio aos recém-chegados; iv) emancipação individual: as fortes redes de solidariedade fazem com que o jovem permaneça ligado à família e à comunidade enquanto estiver fora do país, de forma que a migração lhes permite construir a própria vida; e v) necessidade de reconhecimento: a experiência no exterior garante ao migrante de retorno um *status* de conquista (MEDIAPART, 2009). Nos estudos apresentados por Dieng (2008), ficou evidenciado que a falta de infraestrutura econômica e social levou muitos senegaleses e malianos a irem para os países ricos, onde esperam encontrar trabalho. Muitos dos migrantes entrevistados

<sup>5</sup>*Othering* aqui se entende como os processos sociais que constituem a subalternidade, no sentido de indivíduos com subjetividades diferentes contra ou quais se cria a identidade pessoal e nacional, enraizada no pensamento de que o outro ou o subalterno não possui as mesmas características, jeitos e habilidade que “nós.” Noção que faz apelos informados pela raça, classe, etnia etc. e que tenta estabelecer uma distinção entre nós e outros, mas que termina só construindo demarcações arbitrárias e imaginárias.

dizem que querem ter sucesso em suas vidas, sendo o objetivo para muitos deles ser capaz de manter a família em casa e ajudar quantos parentes precisarem. Por outro lado, algumas pessoas com um emprego assalariado estável e às vezes altamente qualificado preferiam parar de trabalhar para emigrar, e, ainda, evocam a aventura como argumento justificativo de seu ato.

A França, ex-metrópole colonial de muitos Estados africanos modernos, é historicamente vista como destino costumeiro de imigração para pessoas da Argélia, do Senegal, entre outros, especialmente desde a Segunda Guerra Mundial, inicialmente servindo como mão de obra para a indústria que se restabelecia depois dos anos de guerra. Nos anos de 1970, as fronteiras francesas foram fechadas, e a imigração oficialmente proibida, mas continuou ocorrendo, majoritariamente para reunificação familiar, sendo caracterizada também como de fornecimento de mão de obra (LESSAULT; FLAHAUX, 2013). A imigração das antigas colônias para a França tem um lugar situado dentro do universo discursivo francês, como é bem exemplificado por romances como *Monsieur Ibrahim et les Fleurs du Coran*, de Éric-Emmanuel Schmitt, e *L'Étranger*, de Albert Camus.

O Brasil, por outro lado, tem uma longa história de imigração da Europa, do Japão e do Oriente Médio, bem como de migração forçada e escravista do continente africano. No entanto, esses influxos são tipicamente interpretados como um fenômeno colonial ou pré-Segunda Guerra Mundial (LESSER, 2013). O ressurgimento das ondas de imigrantes para o Brasil é uma ocorrência recente, resultado do crescimento econômico e do aumento do perfil internacional desde 2003. Esses novos fluxos trouxeram as questões de identidade nacional e o lugar dos imigrantes dentro da sociedade brasileira de volta ao foco dos discursos midiáticos e políticos, depois de ter sido largamente marginalizado durante a segunda metade do século XX (BAENINGER ET AL., 2018).

Argumenta Fassin (2016; 2011), que na França, desde a Segunda Guerra Mundial, a identidade nacional tem sido em parte cimentada em torno da noção de uma sociedade secular a partir do qual o Estado-Nação pode basear-se e olhar para o futuro (SCOTT, 2007). Simplificando, para ser “propriamente” ou “totalmente” francês, deve-se ser laico. A partir desse desenvolvimento, que Fassin chama de “democracia sexual” (*sexual democracy*), é criada uma noção de “ser francês” centrada em uma abordagem secular à sexualidade, ao corpo e aos debates políticos (2011, p.150). Essa política sexual e os discursos resultantes levaram a uma “racialização da democracia sexual” (FASSIN, 2011, p.150), segundo a qual membros não seculares da sociedade francesa — principalmente muçulmanos, religião da maioria dos imigrantes senegaleses — foram colocados discursivamente na categoria de “outros”. Ou, como diz Fassin: “alegações de ‘democracia sexual’ redefiniram o ‘clash of civilizations’ em termos sexualizados para justificar a rejeição da imigração na Fortaleza Europa” (FASSIN, 2016, p.98, tradução dos autores).

Segundo Butler (2009), esse processo leva a conceitos e a identidades binárias — francês/imigrante, tolerância secular/intolerância religiosa, dentre outros — que não deixam muito espaço para as complexidades reais que existem na sociedade e na identidade humana. Além disso,

essa política sexual cria uma visão específica sobre a “cidadania sexual” (*sexual citizenship*), que exclui aqueles que não se encaixam nas definições rígidas de família, de paternidade, e de contribuinte para o “futuro da nação” (SABSAY, 2016a; RICHARDSON, 2015). Assim, pelo menos em um contexto francês, a condição do Estado como entidade inherentemente secular resultou em um sistema de alteridade para a sexualidade dos residentes muçulmanos, que, ao criar fronteiras internas dentro da sociedade francesa, excluiu os muçulmanos da categoria de “cidadão” em um sentido ocidental liberal.

Como argumenta Sabsay (2016b), deve-se ter consciência do “problema” de “*translation*” dentro da pesquisa social, porque uma noção particular de sexualidade, de patriarcado ou de cidadania não é necessariamente traduzível para outro contexto social, da mesma maneira que uma tradução falsa de “sexualidade”, por exemplo, funciona para manter a divisão social entre o “West” e “non-West” (SABSAY, 2016b, p. 129). Um dos principais desafios deste estudo, ao trabalhar com duas configurações sociais muito diferentes como França e Brasil, é tentar identificar e compreender de que maneira os meios de comunicação de cada país apresentam os imigrantes senegaleses, e quais noções de raça, gênero, de alteridade, inclusão/exclusão podem ser testemunhadas em suas respectivas coberturas.

### 3. A IMIGRAÇÃO SENEGALESA PARA O BRASIL ABORDADA PELA MÍDIA

Nesta seção, discutir-se-á como diferentes meios de comunicação caracterizaram discursivamente a imigração senegalesa para o Brasil, especificamente a revista *Carta Capital* e o jornal *Zero Hora*. Tem-se como hipótese que esses meios reproduziram um universo discursivo “racializado”: ainda que o discurso não exprima opiniões e termos depreciativos, a raça é chave interpretativa que assina sentido a eventos sociais. A quantidade de artigos publicados pelos jornais “Zero Hora”, “O Globo” e a revista “Carta Capital” sobre a imigração de senegaleses para o Brasil pode ser resumida no Quadro 1.

QUADRO 1 – Pesquisa sobre imigração senegalesa nos jornais *Zero Hora*, *O Globo* e na revista *Carta Capital* (continua)

Ano	Nº de artigos em que os imigrantes Senegaleses têm nome e voz			Nº de artigos em que os senegaleses são mencionados como mais uma nacionalidade de imigrantes			Nº total de artigos em que os termos “senegaleses + migrantes” apareceram na pesquisa		
	Zero Hora	O Globo	Carta Capital	Zero Hora	O Globo	Carta Capital	Zero Hora	O Globo	Carta Capital
2010	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2011	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2012	1	0	0	0	0	0	1	0	0
2013	0	0	0	0	0	1	0	0	1
2014	2	0	1	3	0	1	7	0	1

QUADRO 1 –Pesquisa sobre imigração senegalesa nos jornais Zero Hora, O Globo e na revista Carta Capital (conclusão)

	<i>Nº de artigos em que os imigrantes Senegaleses têm nome e voz</i>			<i>Nº de artigos em que os senegaleses são mencionados como mais uma nacionalidade de imigrantes</i>			<i>Nº total de artigos em que os termos “senegaleses + migrantes” apareceram na pesquisa</i>		
<i>Ano</i>	<i>Zero Hora</i>	<i>O Globo</i>	<i>Carta Capital</i>	<i>Zero Hora</i>	<i>O Globo</i>	<i>Carta Capital</i>	<i>Zero Hora</i>	<i>O Globo</i>	<i>Carta Capital</i>
<i>2015</i>	<i>2</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>21</i>	<i>0</i>	<i>1</i>	<i>27</i>	<i>0</i>	<i>1</i>
<i>2016</i>	<i>2</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>2</i>	<i>0</i>	<i>1</i>	<i>6</i>	<i>0</i>	<i>1</i>
<i>2017</i>	<i>1</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>2</i>	<i>9</i>	<i>0</i>	<i>2</i>
<i>2018</i>	<i>2</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>1</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>2</i>	<i>0</i>	<i>0</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Os discursos jornalísticos rotulam os africanos — ou os negros, até mesmo — como população homogênea, sem considerar as especificidades de cada país, contextos sociais e diferentes relações com o Brasil. Esse processo pode ser observado na seguinte notícia da Carta Capital, de 17/6/2014:

O encarregado de selecionar a mão de obra segue até os negros, às centenas, e escolhe os que levará pelas características físicas: os mais jovens, os mais altos, os mais corpulentos, quem tem os braços mais longos, as pernas mais fortes e as canelas mais finas (canela grossa indicaria “preguiça”). Até mesmo a genitália é examinada, para verificar a existência de hérmias capazes de comprometer o trabalho pesado. Mulheres são descartadas. Homens com aparência frágil, velhos ou doentes, idem. A cena remonta a uma época nem tão distante da nossa história, mas acontece hoje mesmo, em Brasileia, no Acre, principal ponto de chegada de haitianos e senegaleses (MENEZES, 2014, s/p).

Tenta-se criar empatia com as condições de trabalho e as perspectivas de emprego enfrentadas pelos imigrantes, conectando suas atuais condições de trabalho com as enfrentadas por africanos escravizados na história brasileira e, ao detalhar as difíceis condições laborais que esses trabalhadores enfrentam nos frigoríficos, criticar também as condições de trabalho deploráveis que o capitalismo e os mercados de trabalho neoliberais fornecem a imigrantes e outros trabalhadores vulneráveis. No entanto, a comparação proposta, conectando as lutas e as experiências cotidianas dos imigrantes africanos ao imaginário da escravidão brasileira, acaba por desumanizar esses indivíduos e caracterizar seu trabalho como explorável, barato e servil, em processo de fetichização desses indivíduos e de suas atividades laborais.

A cobertura de Carta Capital sobre os imigrantes senegaleses foi bastante limitada, restrita a seis artigos nos últimos anos, como a série de entrevistas intitulada “África sem estereótipos”, publicada em 17/02/2017 (PAIVA, 2017). Por outro lado, Zero Hora, jornal local da cidade de Porto Alegre (RS), teve a mais variada e consistente cobertura de imigrantes senegaleses, com cerca de 50 artigos na última década, o que é coerente com o fato de o Estado do Rio Grande do Sul ter se tornado lar da maioria desses imigrantes, sobretudo Porto Alegre e Caxias do Sul. A primeira característica marcante na cobertura de Zero Hora é a tendência de quantificar o fluxo de

imigrantes em suas manchetes: “Ônibus chega com 25 senegaleses e 18 haitianos a Florianópolis” (ZERO HORA, 2015b), “Mais de 200 haitianos e senegaleses estão a caminho da região Sul” (COLUSSI, 2015), e “Operação prende 17 senegaleses por contrabando em Torres” (ROSA, 2017).

Transformando-os em números, as manchetes de Zero Hora objetificam os indivíduos, reforçando a alteridade em relação ao perfil demográfico da Região Sul do Brasil, de colonização predominantemente alemã e italiana. A chegada de imigrantes senegaleses gerou tanta reação social na vida cotidiana que o Zero Hora chegou a abrir uma nova seção no seu site chamada “Imigração”, dedicada a artigos e jornalismo voltados para esse único tópico. Em 17/07/2014, o jornal lançou uma enquete polêmica a seus leitores: “Ganeses, haitianos, senegaleses podem vir pra cá e devem ser acolhidos ou o melhor é ficarem em seus países, cada um com seus problemas?”. Encerrar a questão com “cada um com seus problemas” indica o entendimento de que os migrantes são um problema, e, ao buscarem melhores condições de vida, o que estão fazendo é levar os seus problemas a outros países.

Outras matérias do Zero Hora tiveram teor semelhante, como as notícias intituladas: “Falta de mapeamento sobre imigrantes estrangeiros dificulta ações do Estado” (ZERO HORA, 2015c), “Governo do Acre suspende envio de imigrantes haitianos e senegaleses para o Sul” (ZERO HORA, 2015a), e “Primeira leva de haitianos e senegaleses chega a Porto Alegre” (ZERO HORA, 2015d). A escolha de palavras accentua que os imigrantes são “diferentes” e, portanto, devem ser tratados de forma diferenciada ou com reservas. Ao caracterizá-los com palavras como “enviar” ou “leva”, os indivíduos são quase equiparados a *commodities*, e a palavra “mapeamento” sugere que não sejam totalmente humanos, mas objetos a serem estudados, um território inexplorado que precisa ser descoberto, entendido e subjugado. Os corpos desses indivíduos e suas diferenças pessoais são subsumidos sob um guarda-chuva maior de ameaça social — não são corpos normais, são corpos que precisam ser estudados e disciplinados dentro da psique política do Brasil.

As imagens veiculadas pelo Zero Hora apresentam ainda outra pergunta: onde estão as mulheres? Em sua vasta cobertura da imigração senegalesa, o jornal estampa quase exclusivamente fotos de homens. Em uma área de assentamento historicamente branco e racista, pode-se pensar no impacto subconsciente que múltiplas imagens de numerosos homens negros jovens, fortes e altos — e apenas homens — pode criar. Trata-se de uma região onde partes da população se orgulham ao enaltecer o seu racismo, propondo inclusive movimentos separatistas a partir do entendimento que os sulistas são “melhores” e mais trabalhadores que os demais brasileiros.

A representação desses homens no Zero Hora cria também uma imagem sexualizada: numerosos homens negros juntos num quadro levam a um sentimento subconsciente de ameaça, pois é assim que os corpos e a sexualidade dos indivíduos negros têm sido tipicamente exibidos no tempo e espaço (pós)coloniais. Além de serem caracterizados como potenciais distúrbios à ordem social e política, de forma a degradar, animalizar e/ou fetichizá-los, como restrição da sua agência e

legitimização das ações e da violência estatal. Como explica Richter-Montpetit (2014, p. 54), a escravidão como ontologia sobrevive à instituição da escravidão e continua a produzir a negritude como significando escravidão e abertura à violência gratuita.

A representação exclusivamente masculina de imigrantes senegaleses cria uma sexualização consciente e subconsciente desses indivíduos que os torna objetos sexuais, já que lhes dá a conotação de força, altura e potencial para trabalhos manuais, atribuindo-lhes paradigmas comuns à história ocidental em sua criação da masculinidade “desejável” e da sexualidade do homem negro. Esse processo no longo-prazo limita sua agência e suas oportunidades de trabalho, conectando discursivamente sua imagem ao trabalho manual, à venda ambulante e ao crime.

Apesar de a Constituição Brasileira constituir o Estado como laico, não se pode dizer que o Brasil tenha uma democracia sexual adequadamente declarada como na França. Mesmo assim, possui seus próprios requisitos éticos e morais para a plena integração, muito centrados na ideia de família. Assim, a representação que o Zero Hora faz dos imigrantes senegaleses, sem mulheres ou crianças, afasta-os da noção de “família tradicional brasileira”, incutindo na sociedade a imagem de homens negros solteiros, a maioria deles ambulantes, o que contribui para uma percepção de sexualidade errônea e de incapacidade de participar da sociedade brasileira.

Os jornais brasileiros tiveram pouco espaço para os migrantes senegaleses expressarem suas próprias palavras e opiniões. Os eventos são interpretados exclusivamente pelo repórter e, nos raros momentos em que os imigrantes são ouvidos, o são geralmente em citações curtas, como complemento do texto narrado pelo repórter. Em 2015, por exemplo, das 27 reportagens produzidas pelo Zero Hora sobre imigrantes senegaleses, somente duas possuem nome e citação direta deles. Por exemplo:

Os cinco recém-chegados integraram o grupo de 25 senegaleses que deixou a Praça Dante pouco antes das 9h. Encontraram outros compatriotas próximo das 10h em frente ao MartCenter, na RSC-453, onde a irmã Maria do Carmo Gonçalves, coordenadora do Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), os esperava com lanche e rosas brancas, que serão entregues à padroeira, no Santuário.

—Nós, muçulmanos, também queremos pedir a paz, como os católicos daqui — justificou Billy.

MortalalDieye, 30 anos, que é um dos novatos em território caxiense, demonstrava bastante cansaço na manhã desta terça. Ele contava animado que já tem lar em Caxias e pretende procurar trabalho como eletricista, função que desempenhava no Senegal (Zero Hora, 2015e, s/p).

Muitos dos imigrantes senegaleses não são falantes fluentes do português, assim, as citações curtas que o Zero Hora normalmente lhes atribui poderiam ser um produto das barreiras linguísticas. Porém, das 27 reportagens sobre imigrantes senegaleses, 21 delas os apresentam junto com outros grupos de imigrantes, como haitianos, ganeses etc. o que indica falta de preocupação em ampliar o conhecimento da sociedade sobre as diferenças entre os grupos de imigrantes. A representação do Zero Hora termina universalizando “os imigrantes” ao não exibir suas ideias e suas perspectivas individuais ou prover-lhes espaço substantivos de fala.

De outra parte, a falta de atenção por parte de jornais de circulação nacional, como O Globo, que deram mais cobertura a outros grupos, por exemplo, dos imigrantes venezuelanos, revela como a imigração internacional ainda pode se tornar um processo hiperlocal. Outrossim, a maneira pela qual certos sujeitos são constituídos como “ameaças” locais também depende da visibilidade que eles obtêm dentro da comunidade e da história local, algo que foi especialmente influente no caso dos senegaleses, já que muitos deles passaram a trabalhar no comércio ambulante nos grandes centros urbanos do Sul do país.

#### 4. A IMIGRAÇÃO SENEGALESA PARA A FRANÇA ABORDADA PELA MÍDIA

Estima-se que 533 mil senegaleses vivam no exterior (SAMAREW, 2018), mais da metade na ex-metrópole colonial (SENEWEB, 2015). O Senegal foi possessão francesa por mais de um século e meio, conseguindo sua independência na década de 1960. Após a independência de suas colônias, visando manter o mercado interno abastecido de mão de obra, a França firmou acordos de livre circulação com os novos Estados<sup>6</sup>. Dada a quase inexistência de barreiras à entrada, a emigração senegalesa passou a ter a França como destino preferencial. Segundo Lessault & Flahaux (2013), outra questão fundamental é o fato de o “Senegal rural” ser influenciado por uma série de secas que afetam gravemente as atividades agrícolas.

Apesar de, no primeiro momento, a imigração ter sido não apenas incentivada como facilitada, durante três anos (1974-1977) a entrada de trabalhadores imigrantes foi suspensa e totalmente proibida na França em razão da crise econômica da década de 1970. Posteriormente, apesar de não existirem mais políticas de “imigração zero”, iniciou-se um período de incentivo à migração de retorno, com a entrada em vigor de leis que visavam impedir a chamada imigração “clandestina” (LE MONDE, 2012).

Relativamente à questão trabalhista, outros três acordos (1974, 1995 e 2006) foram firmados entre os países, os dois primeiros sobre a circulação e a residência de pessoas e o terceiro, do ano de 2008 (GISTI, 2008), para a gestão dos fluxos migratórios, enfatizando a preocupação com os chamados fluxos “clandestinos” e criando auxílio àqueles que desejasse retornar ao país de origem (GISTI, 2006). A diáspora senegalesa envia anualmente cerca de um milhão de euros ao Senegal, número duas vezes maior do que a quantidade recebida pelo país em ajuda pública ao desenvolvimento (CHABERT, 2017).

<sup>6</sup> O primeiro acordo bilateral entre a França e o Senegal, firmado em 1964, estabelecia que para se entrar na França, o nacional do Senegal deveria ter em sua posse uma carteira de identidade ou passaporte – mesmo que já tenha expirado há menos de cinco anos –, um certificado internacional de vacinação e uma garantia de retorno. De igual maneira essas condições estavam presentes para os nacionais franceses que objetivavam a entrada no território senegalês (PERFAR, s/d).

A imigração de nacionais de suas ex-colônias sempre esteve ligada à história francesa. Desde a sua proibição, no entanto, a imigração passou a ser associada à ilegalidade e à delinquência. Nesse contexto, é possível perceber a continuada menção à chamada “luta” contra a imigração “clandestina” de modo a evitar a entrada daqueles denominados informalmente de *sans papiers*.

Em 2015, os fluxos migratórios para a Europa voltaram ao centro do debate, em decorrência da chamada “maior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial” (ONU, 2015). No entanto, as manchetes de jornais de grande circulação já estampavam antes disso a preocupação da mídia e da sociedade francesa em relação à entrada de pessoas em território francês; enquanto alguns expressavam preocupação, outros intentavam desmentir mitos relacionados ao tema<sup>7</sup>. No *Le Figaro*: “Como a Europa pode lidar com a imigração clandestina?”<sup>8</sup> (DEVECCHIO, 2014); no *Le Monde*: “A França está experimentando uma onda de imigração clandestina?”<sup>9</sup> (LAURENT; POUCHARD; GITTUS, 2014); no jornal local *Le Parisien*: “Clandestinos: de Portugal uma rede transportava centenas de imigrantes sem documentos”<sup>10</sup> (LE PARISIEN, 2013). A quantidade de artigos publicados pelos jornais “*Le Monde*”, “*Le Figaro*” et “*Le Parisien*”<sup>11</sup> sobre a imigração de senegaleses para a Europa está resumida no Quadro 2.

QUADRO 2 – Pesquisa sobre imigração senegalesa nos jornais *Le Monde*, *Le Figaro* e *Le Parisien*

Ano	Nº de artigos em que os imigrantes Senegaleses têm nome e voz			Nº de artigos em que os senegaleses são mencionados como mais uma nacionalidade de imigrantes			Nº total de artigos em que os termos “senegaleses + migrantes” apareceram na pesquisa		
	Le Monde	Le Figaro	Le Parisien	Le Monde	Le Figaro	Le Parisien	Le Monde	Le Figaro	Le Parisien
2010	1	0	-	2	0	-	3	0	-
2011	0	0	-	1	1	-	1	1	-
2012	0	0	-	0	0	-	-	0	-
2013	0	0	-	0	0	-	0	0	-
2014	1	0	-	1	2	-	2	2	-
2015	3	1	-	4	6	-	7	7	-
2016	2	0	1	1	3	1	3	3	2
2017	4	0	2	7	7	0	11	7	2
2018	2	1	1	3	7	3	5	8	4

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Embora o lugar-comum descreva os imigrantes em situação irregular como pessoas de baixa formação acadêmica que ocupam vagas de trabalhadores franceses e beneficiam-se de direitos sociais como saúde, alojamento e educação, a porcentagem de adultos franceses com

<sup>7</sup>“*Immigration et délinquance : ce que l'on sait, ce que l'on croit savoir*” (GENDRON; DEBORDE, 2014).

<sup>8</sup>*Immigration clandestine: comment l'Europe peut-elle faire face?*

<sup>9</sup>*La France connaît-elle une vague d'immigration clandestine?*

<sup>10</sup>*Clandestins: depuis le Portugal un réseau convoyait des centaines de sans-papiers.*

<sup>11</sup> A pesquisa nos arquivos do site do *Le Parisien* só nos permite aceder aos anos de 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020.

formação universitária é a mesma da população senegalesa residente na França (BAUMARD, 2017). Esses dados contradizem a afirmação do Presidente da República Francesa, Emmanuel Macron, de que: “[s]e você não está em perigo, você tem que voltar para o seu país. Eu não posso dar papéis para todas as pessoas que não têm nenhum. (...) Nós fazemos a nossa parte, mas não podemos assumir toda a miséria do mundo, como disse Michel Rocard” (MACRON *apud* BARIETY, 2017). Apesar de frases como essa e do aumento do espaço político garantido a partidos de extrema-direita, como o *Rassemblement National* (antigo *Front National*), abertamente contrários aos fluxos migratórios, a França continua a tentar exibir uma imagem de país dos Direitos Humanos.

As matérias de jornais tratam da diáspora senegalesa como parte quase indissociável de um todo formado por diferentes grupos de imigrantes<sup>12</sup>. Ao serem enquadrados como “migrantes”, os senegaleses perdem sua história. O “nós” representa os franceses considerados “típicos” e os “outros” são os imigrantes, não importando a sua nacionalidade ou individualidade. Todos são representados genericamente como aqueles que tentam travessias perigosas pelo Mediterrâneo em busca de melhores condições, parte de um afluxo desproporcional de “estrangeiros”.

Ao mesmo tempo em que generaliza a condição dessas pessoas, a mídia dá a alguns, selecionados, um rosto e uma história, contada com detalhes. Embora concedendo a palavra ao *subalterno*, em momento de *othering*, não lhe é dada a propriedade sobre a narrativa dos fatos: a ele são asseguradas algumas passagens, enquanto a maior parte da história é dramatizada e recontada nas palavras do jornalista, como se percebe na história de Kab, imigrante irregular que almeja retomar os estudos:

O que Kab quer? Retomar os estudos abandonados ao deixar a África e se matricular em uma universidade francesa, na mais prestigiosa possível, a Sorbonne. (...) “Eu vivo em grande pobreza e minha pobreza não tem nada a ver com dinheiro. Eu quero estudar e não posso fazer isso. Isso parece com seca. Eu perdi o sono, fico olhando para o teto com uma pergunta: ‘Como preencher o vazio da minha existência?’” (...) Então, ele continua se movimentando, evitando os pontos de circulação muito densos e muito frequentados, ele sempre se certifica de ter um bilhete de metrô no bolso, e espera, um dia, que seu “interminável

<sup>12</sup> No Libération: “Desde o Verão, a cidade de Briançon tem registado um afluxo sem precedentes de migrantes, a maioria dos quais vêm da África Ocidental (Guiné, Costa do Marfim, Camarões, Senegal ou Mali)” (no original: «*En effet, depuis l'été, la ville de Briançon connaît un afflux inégalé de migrants, dont la plupart viennent d'Afrique de l'Ouest (Guinée, Côte-d'Ivoire, Cameroun, Sénégal ou Mali)* ») (BRAFMAN, 2017). No Nova: “Eles são camaroneses, senegaleses, malianos. Atravessaram a Líbia, que inflige horrores aos migrantes, e o Mediterrâneo, que já engoliu mais de 3.000 pessoas desde o início de 2017.” (No original: «*Ils sont Camerounais, Sénégalais, Maliens. Ils ont traversé la Libye dont on sait les horreurs qu'elle inflige aux migrants, et la Méditerranée, qui a avalé plus de 3 000 personnes depuis le début de 2017* ») (SPILER, 2017). No Le Monde: “Originários principalmente da Nigéria, do Senegal e de Gâmbia, os migrantes são capturados enquanto se dirigem para o norte da Líbia, de onde pretendem chegar à Europa atravessando o Mediterrâneo.” (No original: «*Originaires surtout du Nigeria, du Sénégal et de la Gambie, les migrants sont capturés alors qu'ils font route vers le nord de la Libye, d'où ils comptent gagner l'Europe en traversant la Méditerranée* ») (LE MONDE, 2017).

encontro” com o conhecimento francês terá um fim (DOUROUX, 2016, s/p, tradução dos autores)<sup>13</sup>.

A voz dessas pessoas é usurpada, de modo a lhes garantir somente algumas linhas de um longo artigo, poucas palavras em uma frase desenvolvida pelo jornalista que relata a história:

O jovem senegalês se vê detido em uma casa “bem protegida”, com paredes cheias de arame farpado. É uma prisão particular. O processo é costumeiro: os migrantes são “vendidos” aos carcereiros que são responsáveis para retirar seu dinheiro. Sob espancamentos e violência, os prisioneiros são convocados a ligar para suas famílias para pedir-lhes que comprem – à distância – sua libertação (BOBIN, 2017, s/p, tradução dos autores)<sup>14</sup>.

Outro elemento comum da narrativa da mídia francesa sobre os imigrantes é a ênfase na travessia perigosa que pode custar suas vidas (BAUMARD, 2018). Diversas são as notícias que relatam a descoberta de um corpo congelado nos Alpes<sup>15</sup> ou esquemas de escravização de indivíduos que tentam a travessia na Líbia<sup>16</sup>. Novamente, a história das pessoas é reduzida a uma generalidade de vários outros relatos de igual sofrimento.

No relato de alguns eventos trágicos, pode-se depreender uma aparente humanização das vítimas: “Se esses cadáveres mantiveram um nome e um sobrenome, resta escrever sua história: a do senegalês Mamadou-Alpha Diallo e da nigeriana Blessing Mateus” (BAUMARD, 2018, tradução nossa)<sup>17</sup>. Porém, é negada ao sobrevivente do mesmo acidente, Ibrahim Diallo, a possibilidade de expressar sua voz e escrever sua própria história, pois a reportagem só reproduz sua foto, com a legenda: “Ibrahim Diallo fuma seu primeiro cigarro desde sua admissão no pronto-socorro do hospital Briançon. Poucos dias antes, este jovem exilado senegalês viu seu amigo e companheiro de

<sup>13</sup> “Ce que veut Kab ? Reprendre des études abandonnées en quittant l’Afrique et s’inscrire dans une université française et la plus prestigieuse d’entre elle si possible, la Sorbonne. (...) « Je vis dans une grande pauvreté et ma pauvreté n’a rien à voir avec l’argent. Je veux étudier et je n’y arrive pas. Cela ressemble à la sécheresse. J’en ai perdu le sommeil, je reste les yeux fixés au plafond avec une question : “Comment remplir le vide de mon existence ?” (...) Alors, il continue à se déplacer en évitant les noeuds de circulation trop denses et trop fréquentés, il veille à toujours avoir un ticket de métro dans sa poche, et il espère, un jour que son « rendez-vous sans fin » avec les avoir français prendra fin (...).”

<sup>14</sup> “Le jeune Sénégalais se retrouve détenu dans une maison « bien protégée », aux murs hérisse de fil de fer barbelé. C’est une prison privée. Le procédé est coutumier : les migrants sont « vendus » à des geôliers qui se chargent de leur soutirer de l’argent. Sous les coups et les violences, les détenus sont sommés d’appeler au téléphone leur famille afin de les supplier d’acheter – à distance – leur libération.”

<sup>15</sup> “Un troisième migrant retrouvé mort dans les Alpes, en deux semaines” (Basta, 2018); “Dans les Alpes, la fonte des neiges révèle les corps de migrants morts en tentant de passer en France” (Le Monde, 2018); “Fonte des neiges : découvertes de corps de migrants morts cet hiver” (RT, 2018); “Dans les Alpes, les migrants en danger de mort” (France Info, 2017).

<sup>16</sup> “Dans leur exode vers l’Europe, des milliers de migrants sénégalais se retrouvent bloqués au Niger ou en Libye, dans des conditions déplorables” (Le Monde, 2015) ; “Esclavage en Libye : ‘Indignation’ de l’Union africaine et du Sénégal” (Africa News, 2017); “L’Afrique s’indigne du sort des migrants vendus comme esclaves en Libye” (RFI, 2017).

<sup>17</sup> “Si ces cadavres ont conservé un prénom et un nom, reste à écrire leur histoire : celle du Sénégalais Mamadou-Alpha Diallo et celle de la Nigériane Blessing Matthew.”

viagem, Alpha Diallo, cair de um penhasco em 19 de maio de 2018" (BAUMARD, 2018, tradução nossa)<sup>18</sup>. Novamente, o imigrante está presente no polo passivo.

Diversas notícias enfatizam os benefícios garantidos aos que optam por retornar ao seu país de origem, podendo implementar as habilidades adquiridas no exterior e, com isso, impulsionar a economia local, citando casos similares de relativo sucesso, como se pode observar no seguinte trecho:

As habilidades adquiridas pelos migrantes de retorno podem impulsionar a economia local, disse Mame Mbargane Thiam, representante nacional da Fundação CEPAIM, uma organização espanhola que ajuda os migrantes a se prepararem e retornarem ao seu país de origem. Ele mencionou o caso de um imigrante que se mudou para Kaolack, uma cidade no centro-oeste do Senegal, para abrir uma fábrica de produção de sal que emprega até 100 pessoas (DIASPORA EN LIGNE, 2020, s/p, tradução dos autores)<sup>19</sup>.

Depoimentos favoráveis à repatriação também compõem essa narrativa, em que indivíduos lamentam o fato e as dificuldades enfrentadas ao terem emigrado e demonstram que o retorno ao país de origem seria a decisão mais acertada. Literalmente:

As operações de repatriamento permitiram que ela voltasse: "É a melhor decisão que já tomei, nunca voltarei, acabou, sofro todos os dias, sinto muito por estar lá. Eu tive que deixar minha esposa por 11 anos, eu estava pensando em encontrar trabalho na Europa, mas não era assim, eu não tinha dinheiro e o trabalho era difícil (HALLAK; LANDAIS, 2016, s/p, tradução dos autores)<sup>20</sup>.

O sucesso daqueles que retornam pode ajudar a dissuadir aqueles que desejam partir (FRANCE INTER, 2018). Por esse motivo, os governantes dos Estados-Membros da União Europeia têm enfatizado a parceria com países africanos como uma das formas de evitar o fluxo de migrantes<sup>21</sup>, por meio do financiamento voltado ao desenvolvimento, objetivando a criação de

<sup>18</sup> "Ibrahim Diallo fume sa première cigarette depuis son admission aux urgences de l'hôpital de Briançon. Quelques jours plus tôt, ce jeune exilé Sénégalais a vu chuter d'une falaise son ami et compagnon de route Alpha Diallo le 19 Mai 2018."

<sup>19</sup> "Les compétences acquises par les migrants de retour peuvent stimuler l'économie locale, a noté Mame Mbargane Thiam, représentant national de la fondation CEPAIM, un organisme espagnol qui aide les migrants à préparer et à réussir le retour dans leur pays d'origine. Il a évoqué le cas d'un migrant qui s'est installé à Kaolack, une ville du centre-ouest du Sénégal, pour y ouvrir une usine de production de sel qui emploie jusqu'à 100 personnes".

<sup>20</sup> "Les opérations de rapatriement lui ont permis de rentrer : 'C'est la meilleure décision que j'ai jamais prise. Je n'y retournerai jamais. C'est fini. Chaque jour là-bas je souffrais. Je regrette d'y être allé et d'avoir laissé ma femme pendant 11 ans. Je pensais trouver du travail en Europe mais il n'en est rien, je n'avais pas d'argent et le travail était difficile'".

<sup>21</sup> "Fazer face ao problema da migração no seu cerne exige uma parceria com África tendo em vista uma transformação socioeconómica substancial do continente africano, com base nos princípios e objetivos definidos pelos países africanos na sua Agenda 2063. A União Europeia e os seus Estados-Membros têm de estar à altura deste desafio. Precisamos de levar a dimensão e a qualidade da nossa cooperação com África para um novo nível, o que exige não só um maior financiamento do desenvolvimento, mas também medidas no sentido da criação de um novo quadro que permita um aumento substancial do investimento privado tanto dos africanos como dos europeus. Deverá ser posta uma tónica especial na educação, na saúde, nas infraestruturas, na inovação, na boa governação e no empoderamento das mulheres. África é nossa vizinha e

infraestruturas locais de saúde, de educação e de boa governabilidade a fim de que a emigração não seja mais percebida como saída única ou como ambição coletiva. São produzidas matérias que mostram jovens senegaleses que se opõem à imigração e enfatizam o interesse em permanecer em seu país. “Criar empregos para manter os jovens em seu país é o que um programa senegalês vem fazendo nos últimos dez anos. Amadou, 19, planeja participar desse desenvolvimento: “Quero morar aqui e realizar meus sonhos aqui. É o que eu quero” (RFI, 2015, tradução dos autores )<sup>22</sup>.

Percebe-se, ainda, grande quantidade de matérias, na mídia francesa, cujo conteúdo poderia desencorajar a imigração— seja ao enfatizar a periculosidade da travessia ou a oferta de novas oportunidades no próprio país. Como pôde ser visto no quadro apresentado nesta sessão, no discurso midiático francês, os periódicos “Le Monde”, “Le Figaro” et “Le Parisien”, na maior parte de suas matérias, não dão voz aos imigrantes senegaleses, incluindo-os apenas como uma das várias nacionalidades que buscam imigrar para a Europa. Essa falta de voz dos imigrantes contribui para o processo histórico de criação de subalternidade. O teor das manchetes e o estilo de escrita empregados pelos jornais retira dos senegaleses a capacidade de se constituírem como “cidadãos” dentro da sociedade francesa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar a abordagem da imigração senegalesa pelos meios de comunicação franceses e brasileiros, com especial atenção ao modo como a mídia local apresenta esse grupo de imigrantes dentro da cosmovisão preestabelecida no país sobre os imigrantes africanos, seus corpos e suas possibilidades de inclusão e de participação social. Destacou-se a particularidade como o outro imigrante é percebido em cada sociedade: um muçulmano que deve ser aculturado à sociedade secular na cada vez mais xenófoba francesa, ou um ser racializado na fragmentada “não democracia racial” brasileira.

Os jornais franceses e brasileiros parecem colocar os migrantes senegaleses dentro dos discursos sociais preestabelecidos da sociedade em relação aos migrantes, especificamente os migrantes negros, e esses discursos são interseccionais à medida em que unem imaginários raciais, sexuais, religiosos e de gênero para decifrá-los.

Em resumo, tanto a mídia brasileira quanto a francesa optam por negligenciar a singularidade dos indivíduos imigrantes, não lhes permitindo que falem por si mesmos e

---

este facto deve traduzir-se no aumento dos intercâmbios e dos contatos entre os povos dos dois continentes a todos os níveis da sociedade civil. A cooperação entre a União Europeia e a União Africana é um elemento importante da nossa relação. O Conselho Europeu apela à prossecução do seu desenvolvimento e à sua promoção” (CONSELHO EUROPEU, 2018, p.3).

<sup>22</sup> “Créer des emplois pour garder les jeunes au pays, c'est ce que fait depuis dix ans un programme sénégalais. (...) Amadou, 19 ans, compte bien participer à ce développement : « Je veux vivre ici et réaliser mes rêves ici. C'est ça que je veux » ”.

expresssem suas experiências e visões de mundo. A compreensão desse processo e o papel da mídia nessa constituição discursiva pode revelar como outros segmentos da sociedade, como a estrutura burocrática de Estado e as elites, entre outros, decodificam e internalizam o posicionamento e os lugares dos indivíduos imigrantes. A palavra-chave aqui é “indivíduos”, já que este artigo tentou tomar o aglomerado “grupo de imigrantes” e, em vez disso, apresentar nuances individuais para mostrar como os imigrantes senegaleses têm experiências variadas, contrastantes e ainda pouco entendidas, tanto no Brasil quanto na França. Esse trabalho apresentou a maneira pela qual as mídias em ambos os países representaram a imigração senegalesa durante a última década, utilizando o passado colonial e escravista dos respectivos países para decifrar ditas representações que terão impactos imensos no futuro e nas vidas desses indivíduos.

\*Artigo recebido em 09 de novembro de 2020,  
aprovado em 15 de janeiro de 2021.

## REFERÊNCIAS

- AFRICA NEWS. **Esclavage en Libye : “Indignation” de l’Union africaine et du Sénégal.** Disponível em:<<http://fr.africanews.com/2017/11/17/esclavage-en-libye-indignation-de-l-union-africaine-et-du-senegal/>>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- ALEXANDER, M. Jacqui; MOHANTY, ChandraTalpade (eds.). **Feminist Genealogies, Colonial Legacies, Democratic Futures.** New York, Routledge, 1997.
- BAENINGER, Rosana; et al. **Migrações Sul-Sul.** Campinas, Editora UNICAMP, 2018.
- BARIETY, Aude (2017). **On ne peut pas prendre toute la misère du monde: les propos de Macron font polémique.** Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/politique/le-scan/2017/11/22/25001-20171122ARTFIG00185-on-ne-peut-pas-prendre-toute-la-misere-du-monde-les-propos-de-macron-font-polemique.php>>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- BASTA (2018). **Un troisième migrant retrouvé mort dans les Alpes, en deux semaines.** Disponível em:<<https://www.bastamag.net/Un-troisieme-migrant-retrouve-mort-au-col-de-l-Echelle-en-deux-semaines>>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- BAUMARD, Maryline (2017). **Certains groupes d’immigrés sont plus diplômés que la population française en général.** Disponível em:<<https://www.lemonde.fr/societe/article/2017/02/15/certains-groupes-d-immigres-sont-plus-diplomes-que-la-population-francaise-en->>

general\_5079750\_3224.html?xtmc=migrant\_senegalais&xtcr=12e/migrants/migrants-au-senegal-le-mirage-europeen-fascine-toujours-4947759>. Acesso em: 29 jan. 2021.

BAUMARD, Maryline (2018). **Dans les Alpes, la fonte des neiges révèle les corps de migrants morts en tentant de passer en France.** Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/societe/article/2018/06/07/dans-les-alpes-la-fonte-des-neiges-revele-les-corps-de-migrants-morts-en-tentant-de-passer-en-france\\_5310861\\_3224.html](https://www.lemonde.fr/societe/article/2018/06/07/dans-les-alpes-la-fonte-des-neiges-revele-les-corps-de-migrants-morts-en-tentant-de-passer-en-france_5310861_3224.html)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

BOBIN, Frédéric (2017). **L'épopée maudite de Yacouba, migrant sénégalais réduit plusieurs fois en esclavage en Libye.** Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/afrique/article/2017/06/26/l-epopee-maudite-de-yacouba-migrant-senegalais-reduit-plusieurs-fois-en-esclavage-en-libye\\_5151293\\_3212.html](https://www.lemonde.fr/afrique/article/2017/06/26/l-epopee-maudite-de-yacouba-migrant-senegalais-reduit-plusieurs-fois-en-esclavage-en-libye_5151293_3212.html)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

BRAFMAN, Julie (2017). **De l'antre d'un ermite au foyer de migrants.** Disponível em: <[https://www.liberation.fr/france/2017/11/16/de-l-antre-d-un-ermite-au-foyer-de-migrants\\_1610588](https://www.liberation.fr/france/2017/11/16/de-l-antre-d-un-ermite-au-foyer-de-migrants_1610588)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

BUTLER, Judith. **Frames of War: When Is Life Grievable?** London, Verso, 2009.

CAMARA, Camille; CLARK, Andrew; HARGREAVES, John (2018). **Senegal.** Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Senegal>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

CAMPBELL, David. International Engagements: The Politics of North American International Relations Theory. **Political Theory.** v.29, n.3, p. 432-448, 2001.

CHABERT, Benjamin (2017). **Migrants. Au Sénégal, le mirage européen fascine toujours. Ouest-France.** Disponível em: <[www.ouest-france.fr/monde/migrants/migrants-au-senegal-le-mirage-europeen-fascine-toujours-4947759](https://www.ouest-france.fr/monde/migrants/migrants-au-senegal-le-mirage-europeen-fascine-toujours-4947759)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

COLUSSI, Joana (2015). **Mais de 200 haitianos e senegaleses estão a caminho da região Sul.** Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/05/mais-de-200-haitianos-e-senegaleses-estao-a-caminho-da-regiao-sul-4767402.html>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

CONSELHO EUROPEU. **Reunião do Conselho Europeu (28 de junho de 2018) – Conclusões.** Disponível em: <<http://www.consilium.europa.eu/media/35953/28-euco-final-conclusions-pt.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

DEVECCHIO, Alexandre (2014). **Immigration clandestine : comment l'Europe peut-elle faire face?** Disponível em: <[https://www.liberation.fr/france/2014/12/12/immigration-et-delinquance-ce-que-l-on-sait-ce-que-l-on-croit-savoir\\_1161343](https://www.liberation.fr/france/2014/12/12/immigration-et-delinquance-ce-que-l-on-sait-ce-que-l-on-croit-savoir_1161343)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

DIASPORA EN LIGNE (2020). **Migration: Aider les migrants de retour au Sénégal à réaliser des profits.** Disponível em: <<http://diasporaenligne.net/migration-aider-les-migrants-de-retour-au-senegal-a-realiser-des-profits-3>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

DIENG, Seydi Ababacar. Déterminants, caractéristiques et enjeux de la migration sénégalaise. **Revue Asylon(s)**, N°3, mars 2008. Disponível em: <<http://www.reseau-terra.eu/article709.html>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

DOTY, Roxanne. Aporia: A Critical Exploration of the Agent-Structure Problematic in International Relations Theory. **European Journal of International Relations**. v.3, n.3, p. 365-392, 1997.

DOUROUX, Philippe (2016). **Kab, le réfugié qui rêvait d'entrer à la Sorbonne.** Disponível em: <[https://www.liberation.fr/debats/2016/12/13/kab-le-refugie-qui-revait-d-entrer-a-la-sorbonne\\_1535011](https://www.liberation.fr/debats/2016/12/13/kab-le-refugie-qui-revait-d-entrer-a-la-sorbonne_1535011)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

FASSIN, Éric. Same-sex marriage, nation and race: French political logics and rhetorics. In: RIAL, Carmen; SCHWADE, Elisete, orgs. **Diálogos Antropológicos Contemporâneos**. p. 85-108. Rio de Janeiro, ABA Publicações, 2016.

FASSIN, Éric. A Double-Edged Sword: Sexual Democracy, Gender Norms, and Racialized Rhetoric. In: BUTLER, Judith e WEED, Elizabeth, eds. **The Question of Gender: Joan W. Scott's Critical Feminism**. p. 143-158. Bloomington, Indiana University Press, 2011.

FOUCAULT, Michel. **The Archaeology of Knowledge and the Discourse of Language**. New York, Pantheon Books, 1972.

FRANCE INTER (2018). **Au Sénégal, quand la diaspora revient.** Disponível em <<https://www.franceinter.fr/emissions/interception/interception-29-avril-2018>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

GENDRON, Guillaume; DEBORDE, Juliette (2014). **Immigration et délinquance :ce que l'on sait, ce que l'on croit savoir.** Disponível em: <[https://www.liberation.fr/france/2014/12/12/immigration-et-delinquance-ce-que-l-on-sait-ce-que-l-on-croit-savoir\\_1161343](https://www.liberation.fr/france/2014/12/12/immigration-et-delinquance-ce-que-l-on-sait-ce-que-l-on-croit-savoir_1161343)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

GISTI (2006). **Accord relatif à la gestion concertée des flux migratoires entre la France et le Sénégal.** Disponível em: <[https://www.gisti.org/IMG/pdf/accord\\_senegal\\_230906.pdf](https://www.gisti.org/IMG/pdf/accord_senegal_230906.pdf)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

GISTI (2008). Avenant à l'accord relatif à la gestion concertée des flux migratoires entre le Gouvernement de la République française et le Gouvernement de la République du Sénégal, signé à

Dakar le 23 septembre 2006 (ensemble deux annexes). Disponível em: <[https://www.gisti.org/IMG/pdf/avenant\\_senegal.pdf](https://www.gisti.org/IMG/pdf/avenant_senegal.pdf)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v.9, p.39-47, 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1296>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

GRIMSON, Alejandro. Doce equívocos sobre lasmigraciones. **Nueva Sociedad**. v.233, p. 34-43, Mayo-Junio 2011.

HALLAK, Yousra; LANDAIS, Emmanuelle (2016). **Ces Sénégalais qui rentrent au pays**. Disponível em: <<https://www.dw.com/fr/ces-s%C3%A9n%C3%A9galais-qui-rentrent-au-pays/a-19378783>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

KABESH, Amal Treacher. **Postcolonial Masculinities**: Emotions, Histories, and Ethics. Surrey, Ashgate, 2013.

LAURENT, Samuel; POUCHARD, Alexandre; GITTUS, Sylvie (2014). **La France connaît-elle une vague d'immigration clandestine ?**. Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2014/10/23/la-france-connait-elle-une-vague-d-immigration-clandestine\\_4511499\\_4355770.html](https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2014/10/23/la-france-connait-elle-une-vague-d-immigration-clandestine_4511499_4355770.html)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

LE MONDE (2015). **Nfamara, migrant sénégalais : « Je repartirai en Europe, malgré les dangers**. Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/afrique/video/2015/07/09/nfamara-migrant-senegalais-je-repartirai-en-europe-malgre-les-dangers\\_4677048\\_3212.html?xtmc=migrant\\_senegalais&xtcr=20](https://www.lemonde.fr/afrique/video/2015/07/09/nfamara-migrant-senegalais-je-repartirai-en-europe-malgre-les-dangers_4677048_3212.html?xtmc=migrant_senegalais&xtcr=20)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

LE MONDE (2017). **Libye : des migrants vendus aux enchères comme esclaves**. Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/afrique/article/2017/11/15/libye-des-migrants-vendus-aux-enchères-comme-esclaves\\_5215509\\_3212.html](https://www.lemonde.fr/afrique/article/2017/11/15/libye-des-migrants-vendus-aux-enchères-comme-esclaves_5215509_3212.html)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

LE MONDE (2012). **Les dates-clés de l'immigration en France**. Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/societe/article/2002/12/06/les-dates-cles-de-l-immigration-en-france\\_301216\\_3224.html](https://www.lemonde.fr/societe/article/2002/12/06/les-dates-cles-de-l-immigration-en-france_301216_3224.html)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

LE PARISIEN (2013). **Clandestins : depuis le Portugal un réseau convoyait des centaines de sans-papiers**. Disponível em: <<http://www.leparisien.fr/faits-divers/clandestins-depuis-le-portugal-un-reseau-convoyait-des-centaines-de-sans-papiers-17-12-2013-3416753.php>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

LESSAULT, David; FLAHAUX, Marie-Laurence. Regards statistiques sur l'histoire de l'émigration internationale au Sénégal. **Revue Européenne des Migrations Internationales**. 29 (4), pp.

59-88, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/remi/6640#quotation>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

LESSER, Jeffrey. **Immigration, Ethnicity, and National Identity in Brazil, 1808 to the Present**. New York: Cambridge University Press, 2013.

MEDIAPART (2009). **Le Sénégal des migrations (Mobilités, identités et sociétés)**. Disponível em: <<https://blogs.mediapart.fr/oliv92/blog/190809/le-senegal-des-migrations-mobilites-identites-et-societes>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

MEDVETZ, Thomas. **Think Tanks in America**. Chicago, University of Chicago Press, 2012.

MENEZES, Cynara (2014). **O drama dos muçulmanos nos abatedouros brasileiros**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/803/onde-ala-nao-influencia-3446>>; Acesso em: 29 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) (2015). **Italiano Filippo Grandi substitui António Guterres à frente do ACNUR**. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2015/11/1531571-italiano-filippo-grandi-substitui-antonio-guterres-frente-do-acnur>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM) (2009). **Migration au Sénégal. Profil National 2009**. Disponível em: <<https://publications.iom.int/books/migration-au-senegal-profil-national-2009>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

PAIVA, Thais (2017). **África sem Estereótipos**. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/entrevistas/africa-sem-estereotipos>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

PERFAR. **1964 - Franco-Senegalese Convention on the movement of persons**. Disponível em: <<https://splash-db.eu/policydocument/franco-senegalese-convention-on-the-movement-of-persons/>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

RFI (2015). **Réfugiés: migrer, rester, rentrer ?** Disponível em: <<http://www.rfi.fr/afrique/20151113-senegal-guinee-migrations-immigration-formation-emploi-asile-retour>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

RFI (2017). **L'Afrique s'indigne du sort des migrants vendus comme esclaves en Libye**. Disponível em: <<http://www.rfi.fr/afrique/20171118-afrigue-s-indigne-sort-migrants-vendus-comme-esclaves-libye>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

RICHARDSON, Diane. Rethinking Sexual Citizenship. **Sociology**, v.51, n.2, p. 208-224, 2015.

RICHTER-MONTPETIT, Melanie. Beyond the erotics of Orientalism: Lawfare, torture, and the racial-sexual grammars of legitimate suffering. **Security Dialogue**, v.45, n.1, p. 43-62, 2014.

ROSA, Vitor (2017). **Operação prende 17 senegaleses por contrabando em Torres**. Disponível em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2017/01/operacao-prende-17-senegaleses-por-contrabando-em-torres-cj5wkfp6v1u6gxbj071ua50fu.html>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

RT (2018). **Fonte des neiges : découvertes de corps de migrants morts cet hiver**. Disponível em :<<https://francais.rt.com/france/51401-quand-neige-fond-on-decouvre-les-corps-de-migrants>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

SABSAY, Leticia (2016a). From Being Sexual to Having Sexual Rights. **Darkmatter**, v. 14, 2016.

SABSAY, Leticia (2016b). **The Political Imaginary of Sexual Freedom**: Subjectivity and Power in the New Sexual Democratic Turn. London, Palgrave Macmillan, 2016.

SAKHO, Papa; DIOP, Rosalie A.; AWISSI-SALL, Madon. Migration et genre au Sénégal. CARIM Analytic and Synthetic Notes; 2011/10. **Migration Policy Centre, Gender and Migration Series**. 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1814/15595>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SAMAREW (2018). **533 000 c'est le nombre officiel de Sénégalais vivants à l'extérieur**. Disponível em: <<http://samarew.com/533-000-cest-nombre-officiel-de-senegalais-vivants-a-lexterieur>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SCOTT, Joan Wallach. **The Politics of the Veil**. Princeton, Princeton University Press, 2007.

SENEWEB (2015). **Plus de 300 000 Sénégalais établis en France (Consulat)**. Disponível em:<[http://www.seneweb.com/news/Immigration/plus-de-300-000-senegalais-establis-en-fr\\_n\\_149448.html](http://www.seneweb.com/news/Immigration/plus-de-300-000-senegalais-establis-en-fr_n_149448.html)>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SPILER, Clémentine (2017). **Les récits de ceux qui sauvent les migrants dans les Alpes**. Disponível em: <<http://www.nova.fr/les-recits-de-ceux-qui-sauvent-les-migrants-dans-les-alpes>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, Cary Nelson e GROSSBERG, Lawrence (eds.). **Marxism and the Interpretation of Culture**, p. 271-313. Hampshire, Macmillan Education, 1988.

TICKNER, Arlene; BLANEY, David (eds). **Thinking International Relations Differently**. London, Routledge, 2012.

WIGHT, Colin. **Agents, Structures and International Relations: Politics as Ontology.** Cambridge, Cambridge University Press, 2006.

ZERO HORA (2015a). **Governo do Acre suspende envio de imigrantes haitianos e senegaleses para o Sul.** Disponível em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/05/governo-do-acre-suspende-envio-de-imigrantes-haitianos-e-senegaleses-para-o-sul-4765597.html>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

ZERO HORA (2015b). **Ônibus chegam com 25 senegaleses e 18 haitianos a Florianópolis.** Disponível em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/05/onibus-chegam-com-25-senegaleses-e-18-haitianos-a-florianopolis-4767831.html>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

ZERO HORA (2015c). **Falta de mapeamento sobre imigrantes estrangeiros dificulta ações do Estado.** Disponível em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/05/falta-de-mapeamento-sobre-imigrantes-estrangeiros-dificulta-acoes-do-estado-4768429.html>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

ZERO HORA (2015d). **Primeira leva de haitianos e senegaleses chega a Porto Alegre.** Disponível em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/noticia/2015/05/primeira-leva-de-haitianos-e-senegaleses-chega-a-porto-alegre-cj5vytz65129wxbj004ihstpt.html>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

ZERO HORA (2015e). **Senegaleses que chegaram em Caxias nesta terça caminham até Caravaggio.** Disponível em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/05/senegaleses-que-chegaram-em-caxias-nesta-terca-caminham-ate-caravaggio-4768624.html>>. Acesso em: 29 jan. 2021.